

**DO FAMIGERADO NOME-DA-MÃE AO LEGÍTIMO NOME-DO-PAI:
INCURSÕES ETIMOLÓGICAS E PSICANALÍTICAS PELO
TEXTO ROSIANO**

**FROM THE NOTORIOUS SON-OF-A-BITCH TO A LEGITIMATE NAME
OF THE FATHER: ETYMOLOGICAL AND PSYCHOANALYTIC INCUR-
SIONS INTO GUIMARÃES ROSA'S TEXT**

*Márcia Marques de Moraes**

RESUMO: Partindo da reiteração da figura materna em alguns textos rosianos, ainda que camuflada no significante “etimológico” de “Famigerado”, a ecoar o nome-da-mãe, o texto se deterá na Bigri, mãe de Riobaldo, em GSV, relacionada, metonimicamente a Diadorim. Da associação mãe/desejo se deslizará à associação mãe/pai, ordem subjacente à narrativa do romance. Será, então, examinada a categoria “nome-do-pai”, no sentido lacaniano, “invocação” constante de Riobaldo, errando pelo grande sertão. Essa marca da lei que institui o sujeito societário será também figurada, através de metáforas, metáforas paternas, que condensarão a ausência do pai “real”, representada na bastardia do narrador, o pai imaginário, personificado em Zé Bebelo e o pai simbólico, Joca Ramiro, que sofre o parricídio.

PALAVRAS-CHAVE: Grande sertão: veredas, literatura e psicanálise, Sujeito e identidade social.

ABSTRACT: Considering the reiteration of the mother-figure in some texts by Guimarães Rosa, though camouflaged by the “etymological” signifier of Famigerado (“Famigerate”), scanned in “faz-me-gerado, famílias gerado, falmisgeraldo”, this text aims at focusing the character Bigri, Riobaldo’s mother, metonymical related to Riobaldo’s beloved Diadorim. From the association mother/wish it’s possible to slide to the association mother/father, a subjacent structure in the novel’s plot. In this sense, narrator’s bastard origin will be remarked, but the absence of the “real” father will be considered through the imaginary father, personified by Zé Bebelo, and the symbolic father represented by Joca Ramiro who will suffer parricideo.

KEY WORDS: Grande sertão: veredas; Literature and psychoanalysis; Subject and social identity.

* Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. Doutora em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada – USP). Email: mmorais@pucminas.br

DO FAMIGERADO NOME-DA-MÃE AO LEGÍTIMO NOME-DO-PAI: INCURSÕES ETIMOLÓGICAS E PSICANALÍTICAS PELO TEXTO ROSIANO

A “escuta” de muitos textos rosianos leva-nos a perceber, de modo bem flagrante, a figura materna, aqui tomada como função materna, conforme já adiantou a Crítica maiúscula deste nosso autor. Assim, num rápido passeio por *Primeiras estórias* se verá a mãe deixada para trás e “adoecida”, em, respectivamente, “As margens da alegria”, não por acaso, em alemão, “*Die Ufer der Freude*” e “Os cimos”, a nortear ou desnortear o menino-viajor. A mãe “era quem regia” (ROSA, 1972, p. 32), em “A terceira margem do rio”, enquanto o pai se retira da cena de uma “regência”. A mãe é a “moça virgem”, branca, preservada, encastelada numa torre de contos-de-fada, tão inacessível que faz o narrador duvidar de sua própria subjetividade: “Eu?”, como bem observou Leyla Perrone-Moisés. Ela é a Mula-Marmela, incomensuralmente mãe, em relação à qual a voz da narrativa incita-nos e admoesta-nos a pensar e meditar: “mulher (...) no crime não arrependida – e guia de um cego” (ROSA, 1972, p. 125), representando mais que a mãe do Retrupé, mas mãe da própria comunidade, a exercer a função “benfazeja” como frisou Passos (1998).

Em “Famigerado”, no entanto, conto de jagunços e jagunçagem, se não se vê qualquer figura feminina e muito menos materna, pode-se escutar “o nome-da-mãe” no verbete, não constante do “livro que aprende os palavras”: “fasmisgerado. faz-me-gerado ... falmisgeraldo ... famílias gerado ...”

(ROSA, 1972, p. 11). É assim que Damázio desconfia de que aquele palavra é “nome de ofensa” e se exaspera, ansioso para obter do doutor letrado o alívio de uma resposta que o livre de ter sido chamado do nome-da-mãe, escandido “lacanianamente” e expresso pela etimologia popular, pela voz do povo. É que, famigerado, permitindo então cruzarem-se os significantes faz-me-gerado, famílias Geraldo, deixa ecoar questões relativas a “escuro nascimento” (ROSA, 1965, p. 35), questões sobre a bastardia, implicando que Damázio poderia ter sido chamado de filho de uma “prostitutriz”¹.

Desenvolvendo esse vezo interpretativo do conto, lê-se no texto rosiano, um “causo”, contado pelo narrador erudito, cidadão, que é interrogado por um homem do sertão, cuja linguagem, circunscrita ao registro oral, estranha o atributo que lhe dá um homem do Governo. Nas entrelinhas, temos todo um tratado lingüístico que ludicamente subjaz ao texto. O termo “famigerado” tem como origem uma formação do latim – *famis geratu* –, literalmente podendo ser traduzido por “gerado pela fama”, “famoso”, significado que acode ao narrador (e o acode também...), como resposta menos perigosa a ser dada ao jagunço. No entanto, esse significado, encaminhado para um tom elogioso (“– ‘Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse!...” (p. 12)), nasceu “neutro”, já que “*fama-ae*”, segundo Houaiss, é “ ‘o que se diz de alguém, renome, reputação boa ou má” (HOUAISS, 2001, p. 1296), donde se têm famoso, infâmia e difamar, por exemplo. E, como é esperto, o narrador-médico sabe disso e, mais, declara essa neutralidade, ao tranquilizar Damázio, inseguro quanto ao fato de ter sido ofendido. Ele responde, primeiro, que “Famigerado é inóxico” e adianta, pois, o caráter inofensivo da palavra, apelando para um termo “erudito” e distante, cuja variante mais próxima seria “inócua” e que, de qualquer modo, deixa o jagunço na mesma, ainda que ele apresente os sinônimos: “célebre, notório, notável”. Interpelado, de modo direto, se, afinal, aquele

¹ Essa leitura de “Famigerado” foi apresentada por mim, em mesa-redonda, no II Seminário Internacional Guimarães Rosa, em Belo Horizonte, no dia 29 de agosto de 2001, com o título “Do nome-da-mãe ao nome-do-pai; figuração de identidades no ‘Grande Sertão’”, publicado na Revista **SCRIPTA** (2002) às páginas 264-273. José Miguel Wisnik, na mesma Revista, publicada, pois, posteriormente à apresentação da palestra, alude a essa leitura, em texto intitulado “O famigerado” que republica no livro **Sem receita** (2004), pela Publifolha. Em publicação de 2006, Rosenbaum (2006) faz alusão **apenas** ao texto de Wisnik, quanto ao “Famigerado”.

seria “nome de ofensa” (p. 12), o narrador reitera sua resposta, dizendo serem aquelas “expressões neutras, de outros usos” (p. 12), e, rosianamente, diz isso, mostrando, com todas as letras, expressões do século XIII, do português medieval: “ – ‘Vilta nenhuma, nenhum doesto” (p. 12) ou seja, nada que avilte, que comprometa, que desonre.

Nosso autor, sábia e sabidamente, tendo optado por caracterizar o dicionário como “o legítimo, o livro que aprende as palavras” (p. 11), e não o que as ensina, como escutamos da boca de Damázio, faz-nos estranhar um narrador erudito que não aprendera com o dicionário, já que este, atualizando-se sempre, deveria fazer constar que “famigerado” passa a ter conotação pejorativa de mal afamado, “que tem muita fama, principalmente quando má”, diz o Larousse (Larousse, 1992, p. 495).

Por que, então, o erudito narrador subtrai do jagunço o significado corrente do termo, e, mais, atrasa o esclarecimento de Damázio, ao não empregar a linguagem de em dia-de-semana”, “ a fala de pobre” (p. 12)?

O conto nos dá essa resposta bem no início, com uma dos aforismos mais profundos da filosofia literária de João Guimarães Rosa. O narrador do conto, ao se sentir posto contra a parede pelo jagunço, aflito por desconhecer o teor do adjetivo com que o homem do Governo o brindara, caraminholando sobre o terem intrigado com Damázio, proclama: “O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo. O medo O” (p. 9). Esse medo acaba, pois, irmanando, narrador e personagem, médico e jagunço, o saber citadino e erudito e o saber sertanejo e popular. É que, se Damázio temia o real significado da palavra que lhe imputara o funcionário público, pois receava ter sido desonrado, nosso narrador teme a reação do jagunço diante de uma possível difamação. Esse medo reversível, como movimento privilegiado do texto rosiano, está opticamente mostrado naquela frase “O medo O” e em outra expressão onomatopaica que faz ouvir o espanto diante de Damázio – “o oh-homem-oh” – (p. 9). O medo passa do jagunço ao narrador, deste àquele; contamina-os reciprocamente, como é próprio do medo. Ambos ignoram algo em momento agudíssimo: se Damázio, por ignorar o que é “famigerado”, teme que o saber do doutor o exponha a si mesmo e diante dos outros, representados pelos três cavaleiros testemunhas, o doutor teme que a explicitação de “famigerado” dê nos nervos do jagunço que poderá dissolvê-lo... E isso se diz, rosianamente, misturando popular e erudito, misturando tiro e letra, enfatizando a palavra também como

arma: “Com um pingo no i, ele me dissolvia” (p. 9), recriando-se, pois, “pôr os pingos nos is”, como esclarecer e “para bom entendedor, um pingo é letra”.

Desse modo, se percebe como um “causo” do sertão transcende a própria geografia sertaneja e diz do medo humano. A narrativa concretiza para o leitor muitas elucubrações da filosofia que refletem sobre a (in)compatibilidade entre o saber e o poder na sociedade, alegorizados no poder da palavra e no poder da arma.

O conto, ainda, lúdico, brinca com a gramática interna do falante. Ao enigmatizar o sentido do vocábulo “famigerado”, faz uso do que se chamaria etimologia popular. Através de operações de escansão de uma palavra desconhecida, o falante “testa” um possível desvendamento dela, tentando “apalpar”, com seus conhecimentos prévios, o significado de cada elemento isolado. Assim, Damázio, aflito, “parte” a palavra, conforme ouviu e tenta entendê-la: “(...) fasmisgerado... faz-me-gerado...falmisgeraldo...familhasgerado....?”(p. 11). Insistem, na sua “desenigmatização”, alguns elementos – “radicais”-, diria a gramática. Há, pois: “gerado”, três vezes; “famílias”, no plural; há um “geraldo” substituindo um “gerado”; e há uma “frase” toda – “faz-me-gerado” muito sintomática...

Como se vê, no horizonte semântico-etimológico de Damázio, pulsava a tal ofensa grave – “Latejava-lhe um orgulho indeciso” (p. 11), diz o conto.

Guimarães Rosa, conhecedor e amante das línguas, destila, no seu texto, essa desconfiança, usando classificações da própria gramática, para dizer, sorratamente, que o temor do jagunço, era que perturbassem “a paz das mães” (p. 12), usando expressão do próprio sertanejo ao pedir garantias ao médico de que “famigerado” não era “nome de ofensa”. Ao referir-se, portanto, a “**nome** de ofensa”, o texto retraz a possibilidade, também, do nome-da-mãe e reitera isso quando “classifica” como “frase” a seqüência com que Damázio apalpava os sentidos de “famigerado”: “Disse, de golpe, trazia entre dentes aquela frase” (p. 11).

Damázio, cujo nome, quem sabe, rosianamente, também pode mexer com seus brios (De amásio?; D’amásio?), teme a maior ofensa no código jagunço, lembrado por Joca Ramiro, no julgamento da Sempre Verde”, tentando “temperar” os “excessos” de Hermógenes que queria Zé Bebelo morto: “-Mas ele não falou o nome-da-mãe, amigo...” . Imediatamente, Riobaldo explica para o interlocutor: “Só para o nome-da-mãe ou de ladrão era que não havia remédio, por ser a ofensa grave” E prossegue: “Com Joca

Ramiro explicar assim, não havia jagunço que não aceitasse o razoável da ponderação, o relembrado” (grife-se o relembrado). (ROSA, 1965, p. 202).

Assim chegamos ao “Grande sertão” onde, em uma das batalhas contra o Hermógenes, Riobaldo, “cismado que maldassem” e desconfiado de “ser feio pegadio” estarem ele e Diadorim “muito tempo juntos” (ROSA, 1965, p. 130), desabafa:

– Se alguém falou mal de mim, não me importo. Mas não quero que me venham me contar! Quem vier contar, e der notícias é esse mesmo que não presta: e leva o putto nome-da-mãe, e de que é filho! ...” (...) O senhor sabe: nome-da-mãe, e o depois, quer dizer – meu pinguelo”². Sobre o fato, para de mim não desaprenderem, não se esquecerem, eu pegava o rifle (...). Surgidamente, aí, principiou um desejo que tive - que era o de destruir alguém, a certa pessoa. (ROSA, 1965, p. 131).

Nessas passagens, pinçadas apenas duas, dentre inúmeras, pode-se perceber a função do nome-de-mãe, nos entrançados fios da narrativa rosiana e acentuá-la, com a própria figura da Bigri, mãe barranqueira do Sítio do Caramujo. Sobre aquele tempo de caramujo, de relação dual com a mãe, de relação, “simbiótica” entre um corpo e sua casa, um corpo e um útero, Riobaldo já dissera, referindo-se a um tal Gramacedo:

Assim é que digo: eu, que o senhor já viu que tenho retentiva que não falta, recordo tudo da minha meninice. Boa, foi. Me lembro dela com agrado, mas sem saudade. Porque logo sufusa uma aragem dos acasos. Para trás, não há paz. O senhor sabe: a coisa mais alonjada de minha primeira meninice, que eu acho na memória, foi o ódio, que eu tive de um homem chamado Gramacedo... (ROSA, 1965, p. 35).

E, imediatamente, o narrador do *Grande sertão: veredas* muda de assunto ...

A questão, pois, do nome-da-mãe, explicitado ou implicitado, está presente como significante de função materna, nesse Riobaldo que “mistura

² Quanto ao “meu pinguelo” vale lembrar o ensaio de Adélia Bezerra de Menezes em que pinguelo é ponte, possibilitadora de travessia, é gatilho e tem conotação sexual.

amores”. As figuras da Bigri e de Diadorim, deslocam-se uma à outra, através da metonímia dos olhos verdes do jagunço, os quais, em várias passagens do romance, lembravam “os olhos de velhice de minha mãe” (ROSA, 1965, p. 115) e, através, também, da figuração de Diadorim como o buriti, palmeira que, no canto de João Fulano, em “Cara-de-Bronze” é a “mamãe verde do sertão” (ROSA, 1996, p. 83). Esse canto ecoa, ainda, as palavras de Riobaldo, em face da morte de Diadorim: “Namorei uma palmeira na quadra do entardecer...” (ROSA, 1965, p. 455).

Aí se vê, pois, outra simbiose, outra contigüidade entre figuras, outra metonímia, não por acaso, nas palavras de Lacan, a expressão do desejo: Diadorim e a Bigri se superpõem através do “interpretante” semiótico: o verde dos olhos e da palmeira, do Buriti, fazendo que Cavalcanti Proença, ao identificar Riobaldo com o Urucuia, um rio baldo, diga: “Acabou-se o Urucuia que nasceu de um buriti, amou um buriti e acabou no São Francisco” (PROENÇA, 1958, p. 42), e que ainda, imaginem, em 1958, escreve:

Os olhos do menino eram verdes, cor das palmas, e quando Riobaldo os re-encontra no moço cangaceiro, antes de reconhecer o amor tormentoso, faz a ‘transferência reveladora’: (eu enfatizo): ‘Doçura do olhar dele me transformou para os olhos da velhice de minha mãe. (PROENÇA, 1958, p. 56).

Assim, através de Diadorim, cujo “através” se ouve até presente no “dia” de seu nome, cumpre-se uma função materna.

Vale lembrar, ainda, que Flávio Aguiar, no seu ensaio “O oco do mundo” escreveu:

“(…) o nome Bigri tem associações com o de Diadorim. Bi lembra duas vezes e Di também lembra dois. Mas compõem uma associação por complementaridade, pois o ‘dois’ do Di de Diadorim remete em primeiro lugar à idéia de divisão, conflito, enquanto Bi de Bigri remete à idéia de duplicação, mãe que é vicariamente pai, fusão de dois seres diversos” (AGUIAR, 1998, p. 90-91).

Essa função vicária da Bigri, a desempenhar também o papel de pai de Riobaldo, será retomada agora para passarmos do nome-da-mãe ao nome-do-pai.

É assim que Riobaldo se despede do nome-da-mãe na sua narrativa:

Minha mãe morreu – apenas a Bigri, era como ela se chamava. Morreu, num dezembro chovedor, aí foi grande a minha tristeza. Mas uma tristeza que todos sabiam, uma tristeza do meu direito. De desde, até hoje em dia, a lembrança de minha mãe às vezes me exporta. Ela morreu, como a minha vida mudou para uma segunda parte”. (ROSA, 1965, p. 87).

Morta a Bigri, o menino Riobaldo, será levado para a casa de Selorico Mendes, pai ambíguo, de onde foge pela vergonha de ter sido pilhado bastardo, não sem antes ter conhecido Joca Ramiro, na célebre madrugada de Siruiz.

O grande chefe Ramiro chegara à fazenda com uma pequena comitiva de jagunços que lá fora pedir abrigo e esconderijo para o bando. No discurso do narrador, Joca Ramiro é apresentado como “uma sombra arriada na parede” por uma lamparina, para quem o pai Selorico olhava com uma admiração toda perturbosa. (ROSA, 1965, p. 91). Essa sombra do chefe logo se projetará não mais na parede, mas na própria vida de Riobaldo, depois que, fugido da São Gregório, do pai “real” e de sua condição de bastardo, o narrador ingressa no bando jagunço. Aí a figura de Ramiro terá uma função paterna simbólica já que, como chefe de bando, ele representa a lei e é fundador de uma cultura Não foi pois, a esmo que, morto Ramiro, Riobaldo decreta: “Joca Ramiro morreu como o decreto de uma lei nova.” (ROSA, 1965, p. 227). Esse pai simbólico, a cumprir, ele mesmo, a função paterna está, no discurso do narrador, também representado por um nome. Se, na São Gregório, diante da sombra que pojava volume na parede, tendo escutado o nome do chefe, Riobaldo exclamara: “Joca Ramiro! Só de ouvir o nome, eu parei na maior suspensão” (ROSA, 1965, p. 91), no desenrolar da campanha jagunça, no entanto, pertencente, então, aos ramiros, em batalha contra os bebelos, a distância e a inacessibilidade do chefe, sempre longe do bando, levam Riobaldo a ver nele um nome só: “Joca Ramiro... esse nem a gente conseguia exato real, é um nome só, aquela graça, sem autoridade nenhuma, andava por longe, se era que andava”. (ROSA, 1965, p. 140).

Embora ausente e distante na maior parte do tempo, Joca Ramiro será invocado como um nome, um nome só, mas o nome do pai, reconhecimento de uma ordem simbólica – a lei e a cultura É por isso que a sua morte, anunciada como a segunda revelação da Guararavacã, metaforiza o próprio parricídio como um dos destinos edípicos, pois o assassinato se cumprira por seus comandados, filhos que o traíram, sem falar, ainda, do seu papel

de pai “real” de Diadorim, segredo que foi confiado a Riobaldo, às vésperas da primeira travessia do Liso do Sussuarão. É por isso também que a morte de Ramiro representa aquela segunda parte da vida de Riobaldo a que ele se referira quando morreu a Bigri. O anúncio da morte de Ramiro, num lugar não por acaso, chamado Jerara, inaugurará um tempo novo para Riobaldo e, não por acaso, uma segunda parte do romance. A partir daí ele, marchará com o bando dos ramiros para fazer cumprir um projeto de vingança, a vingança da morte de um pai e pai de Diadorim. O nome-do-pai, no sentido lacanian, será uma invocação constante de Riobaldo, errando pelo grande sertão, pelejando em favor de uma identidade jagunça assumida a duras penas.

Esse pai simbólico, encarnado por Joca Ramiro, figura, ainda, o pai mítico da horda primitiva que, na leitura freudiana, morto, acaba valendo mais que valera vivo. É que, ao ser banqueteados pelos próprios filhos que passam a disputar entre si as mulheres do pai, acaba-se instalando um “mal-estar na civilização”. Assim, para fazer valer a ordem, seria preciso que a palavra do pai, seu nome, sua lei perdurasse na figura totêmica, ditando normas para as trocas simbólicas da comunidade. É em nome dele que se projetará a cultura; é em nome dele que se instituirá a lei.

A busca e a marca dessa lei que institui o sujeito societário serão ainda, no **Grande sertão: veredas**, representadas através de outras metáforas paternas, que, em menor ou maior grau e em situações distintas, terão a função de pai na vida do jagunço Riobaldo. Se tais metáforas deslizaram da ausência do pai “real”, representada na bastardia do narrador, para projetar-se em Joca Ramiro, pai simbólico que sofreu o parricídio, tiveram elas mesmas uma intermediação.

É que essa passagem, no trajeto de Riobaldo, será mediada por outras figuras masculinas que ritualizarão a sua inscrição na cultura a pautar-se por uma lei e sua inscrição no simbólico, representado pela linguagem. Se aqui cabem, de uma certa maneira, o Hermógenes, seô Habão e até Quelemém, gostaria de sublinhar, no entanto, a importância da figura de Zé Bebelo como representação para Riobaldo do pai imaginário, isto é, aquele que faz a intermediação entre o real e o simbólico, trabalhando analogamente com a terminologia laciana.

De fato, Bebelo se reveste de muitas das características do pai do imaginário, que é, basicamente, uma figura especular: aquela em que se mira para se ver, que não é o pai real e não tem a dimensão “acabada” do pai

simbólico. Assim é Bebelo, figura de espelho para Riobaldo. As metáforas desse espelhamento são inúmeras. Por ora, fiquemos apenas com as reversibilidades que marcam a relação Riobaldo – Zé Bebelo e que apontam para uma mirada especular.

Se Bebelo começa como chefe de bando no combate a jagunços, mais tarde será chefe do bando jagunço; se ele toma a chefia de Marcelino Pampa, recusando-se a apenas “ajuntar-se” ao bando, mais tarde entregará a chefia a Riobaldo; se, submetido a julgamento foi obrigado a retirar-se para Goiás, mais tarde se retirará espontaneamente; se, nos “Tucanos”, submete Riobaldo a escrever-lhe bilhetes para os homens do governo, no final da estória é ele quem escreverá o bilhete para Riobaldo, apresentando-o a Quelemém. Essas inversões e reversões redundam em crises: se o narrador é advogado-de-defesa de Bebelo, no julgamento da Sempre-Verde, será quem o condena na Casa dos Tucanos; se tantas vezes se enfurrou dele, outras tantas o narrador o elogia; se Riobaldo foi seu professor e secretário na Nhanva, acabou sendo seu aluno, aprendendo com ele lições de vida e retórica.

No imaginário do narrador, a figura de Bebelo se mistura: ele é o homem que causa admiração e aversão, alguém de quem se é, a um tempo, aliado e rival; de um dos bebelos, ele passa a jagunço do bando dos ramiros.

Assim, se “na tópica do inconsciente”, a travessia do pai real ao pai simbólico se faz através do pai imaginário, é mesmo no imaginário do narrador, que Bebelo parece estar, já que é muito maior quando não está presente, revestindo-se de uma dimensão apequenada, “real”, quando convive com Riobaldo.

Outra representação do discurso do narrador do “Grande Sertão”, a apontar a relação espelhada entre Bebelo e Riobaldo, está na figura do eco. Assim, se no “espelho Bebelo”, Riobaldo se mira e se vê, na voz de Bebelo, ele se ouve e se sabe, o que está “gravado”, de fato, na linguagem dos “Tucanos”, através da repetição de frases, reduplicação de palavras, na expressão da gagueira de Riobaldo, na duplicação metalingüística de formas gramaticais. Aliás, ali, naquela Casa se recrudescem o espelhamento entre os dois. E, por isso mesmo, no episódio da escrita dos bilhetes, Riobaldo ensaia sua libertação da influência **bebélica** (grifo para que a palavra seja lida também como babélica). Ali, Riobaldo tenta a pontuação do eu mesmo, emblemático neste trecho:

E eu, mesmo senti, a verdade duma coisa, forte, com a alegria que me supriu: – eu era Riobaldo, Riobaldo, Riobaldo! A quase que gritei aquele este nome, meu coração alto gritou. Arre então, quando eu experimentei os gumes dos meus dentes, e terminei de escrever o derradeiro bilhete, eu estive todo tranqüilizado e um só, e insensato resolvido tanto, que mesmo acho que aquele, na minha vida, foi o ponto e ponto e ponto. (ROSA, 1965, p. 253-254).

Essa fala é a própria figuração do percurso do outro ao si mesmo. O “aquele este nome” mostra a passagem de uma identidade que fora balda, vã, no “aquele” e que, agora, era “este nome”, “tresdito” – “Riobaldo, Riobaldo, Riobaldo!”. “Esse dito três vezes repete-se no polissêmico”, “aquele, na minha vida, foi o ponto e ponto e ponto”, a apontar, certamente, os pontos finais dos três bilhetes, a finalização daquela tarefa de amamuense, ali, naquele ocasião. No entanto, o ponto reiterado pode significar muito mais: aquele momento em que se assume como Riobaldo é um ponto enfático em sua vida, pelas muitas decisões que tomara em função de suas definições: a de matar Bebelo, se se efetivasse a traição; a de não ser mais o secretário, o repositório dos segredos e o porta-voz daquela chefia ambígua; e, enfim, a de prestar lealdade aos companheiros.

Assim se representa, pois, Zé Bebelo arvorado, inquieto, loquaz, como a própria figuração do imaginário e de personagem de travessia. Não bastassem as travessias já mencionadas pela Crítica: da natureza à cultura, do sertão à cidade, do arcaico ao moderno, do império à república, há ainda esta: a do real ao simbólico. Por esse prisma, Bebelo apontaria não apenas o movimento, o trânsito, o deslocamento, naquela “perspectiva histórica da mudança”, lida por Arrigucci (ARRIGUCCI, Jr., 1994, p. 17), mas ainda nele se metaforiza a travessia para o simbólico. Se se leu, pois, Bebelo, historicamente, lê-se, agora, a personagem como figura representativa da inscrição do sujeito Riobaldo na linguagem³.

³ A linguagem do romance vela revelando a história que também o escreve. Vale lembrar aqui Bebelo, candidato a deputado, ligado a idéias republicanas, na travessia Império-República “a prometer para perto futuro (u.) muita coisa republicana” (ROSA, 1965), em que as duas repúblicas, a velha e a nova, duplicam-se, elas mesmas, na “coisa republicana”, coisa e coisa pública, se se toma o caminho etimológico, tão ao posto rosiano. Vale, ainda, apontar outras expressões da narrativa a sugerirem, matreiramente, o processo histórico: “Mas descemos no canudo das desgraças” (ROSA, 1965, p. 229) e “Eu queria formar uma cidade da religião (ROSA, 1965, p. 235) e, ainda, a expressão euclideana de um epíteto de Antônio Conselheiro”, “os avessos do homem”, a despistarem a Campanha de Canudos. Mencione-

Assim, se foi através do “pai real”, Selorico Mendes que Riobaldo aprendeu as primeiras letras, com Mestre Lucas, foi através de mestre Lucas que ele chegou a Bebelo, a quem ensina e com quem acaba aprendendo:

“Aquele homem me exercitou tonto, ele ô, me fino fez” porque “ele queria era botar na cabeça, duma vez, o que os livros dão e não” e “(u.) como menos de mês, Zé Bebelo se tinha senhoreado, de reter tudo, sabia muito mais que eu mesmo soubesse”. (ROSA, 1965, p. 100).

Por isso, no Julgamento, é se “exercitando tonto “em função de Bebelo que Riobaldo consegue fazer-lhe a defesa através de um discurso, repentino e inesperado, calcado na retórica do “cidadão e candidato”: assim, ao discurso de Riobaldo, às suas letras, mistura-se uma retórica alheia, a do Outro, de Bebelo. Aliás, cumpre mencionar, no discurso do narrador no Julgamento de Bebelo, a quase explicitação da passagem para o pai simbólico através do imaginário, quando se ouve Riobaldo dizer: “Por causa de Bebelo, eu cri em Joca Ramiro”. (ROSA, 1965, p. 217).

Já nos “Tucanos”, mais um passo se dá em direção à linguagem: do exercício oral da linguagem, Riobaldo passa à escrita das missivas, relutando em ser “traidor” dos companheiros jagunços ou apenas “tradutor” de Bebelo⁴. Percebe-se, naqueles “pontos” lidos da Casa dos Tucanos, o desejo de Riobaldo de ser sujeito de sua própria fala e dono de uma escrita própria.

Nessa linha de raciocínio, parece, pois, clara a inserção gradual do jagunço Riobaldo na linguagem, o que acabará sendo coroado com a própria personagem do narrador.

Enquanto se constitui como ser de linguagem, Riobaldo, narrador e personagem, marcha para vingar Joca Ramiro, tentando assumir uma identidade jagunça, na peleja para tomar-se sujeito societário da jagunçagem, o que culminará com sua assunção à chefia do bando, como

se, também, a fala na batalha, final do Paredão: “Primeiro, dum pulo bruto, eu já estava lá, pegando minhas roupas, armado prestes”, (ROSA, 1965, p. 438) em que a Coluna Prestes, já tocada anteriormente, torna a ecoar. (ROSA, 1965, p. 77)

⁴ Perceba-se o jogo de palavras entre traição e tradução, respectivamente, *tradere* e *traducere*, em que o sentido original de “entregar” desliza para “fazer passar a”, “transmitir”, “conduzir para o outro lado” e, depois, “narrar, contar, dizer”. (FARIA, s/d., p. 1010). Em Grande sertão: veredas, há dois episódios em que essa ambigüidade é uma estratégia de leitura: nas dúvidas que Riobaldo começa a nutrir sobre Joca Ramiro (ROSA, 1965, p. 105,117,132 e 153) e na Casa dos Tucanos (ROSA, 1965, p. 250-252).

Urutu-Branco Institui-se, ele próprio, como um nome-do-pai, pai dos jagunços, companheiros a quem chama, várias vezes, de “meus filhos”.

Assim, essas duas identidades conquistadas, a de ser da linguagem e a de societário jagunço, acabaram, enfim, sendo possíveis a Riobaldo, através das figuras simbólicas de pai, através das metáforas paternas, através de um nome de pai, do Nome-do-Pai.

É que, afinal, ainda que só invocado como nome, Joca Ramiro, “um nome só”, mas o Nome-do-Pai, acaba sendo para Riobaldo o reconhecimento de uma ordem simbólica – a lei e a cultura.

É em nome, pois, dessa ordem simbólica que o jagunço consegue, afinal, ser partejado das águas maternas, para desgarrar-se do nome da mãe e seus muitos complexos, para continuar jagunçando e pelejando para constituir-se societário da cultura jagunça. Esse não é senão o “processo civilizador”, que, nomeado por Freud, em síntese, aponta a angústia do ser-no-mundo, tentando recuperar, pela linguagem, as muitas perdas nas muitas travessias: a de si ao outro, da individualidade à sociabilidade, do imaginário ao simbólico.

O movimento dessa recuperação é sempre prospectivo: retomar é narrar, é usar a máscara da linguagem para fingir o movimento de volta. Mas esse retorno, embora fingido, é o consolo do sujeito; a sua única possibilidade de conhecer (-se), procurando o sentido de si mesmo, da vida, do mundo, representado pela busca do sentido das palavras, do texto, da literatura.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Flávio. *O oco do mundo. Os filhos da neblina*. In: O sertão e os sertões. São Paulo: Editora Arte e Ciência, 1998.

ARRIGUCCI JR, Davi. *O Mundo Misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa*. In: Novos Estudos/CEBRAP (40). São Paulo: novembro de 1994, p. 7-29.

CÂNDIDO, Antônio. *Jagunços mineiros*. De Cláudio a Guimarães Rosa. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

_____. *O homem dos avessos*. In: Tese e antítese. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1978, p. 119-139.

DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Trad. Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DOR, Joel. *O pai e sua função em psicanálise*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: MEC, s/d.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974 (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

_____. *Totem e tabu e outros trabalhos*. (1913 [1912-13]). Trad. Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13).

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva 2001.

LAROUSSE CULTURAL. *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Universo, 1972.

MENEZES, Adélia Bezerra de. *O homem do Pinguel: uma leitura aristotélica psicanalítica*. In: SCRIPTA, Belo Horizonte, v.2, n. 3, p. 14-23, 20 sem. 1998.

MORAIS, Márcia M.de. “Do nome-da-mãe ao nome-do-pai: figuração de identidades no *Grande sertão*”. In: SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 264 -273, 1º sem. 2002.

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. *A função materna em Guimarães Rosa: renúncia e dom*. In: SCRIPTA, Belo Horizonte, v.2. n. 3, p. 50-58, 20 sem. 1998.

PASSO, Cleusa Rios Pinheiro. *Guimarães Rosa: Do feminino e suas estórias*. São Paulo: FAPESP/HUCITEC, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Nenhures – Considerações psicanalíticas à margem de um conto de Guimarães Rosa*. In: Flores da escrivaninha. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 111-116.

PROENÇA, M. CavaIcanti. *Trilhas no Grande Sertão*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação/MEC, 1958.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1972.

_____. *Grande sertão: veredas*. 43 edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. (Edição a ser usada nas aulas, mas, certamente, qualquer edição da José Olympio ou Nova Fronteira, será bem-vinda)

_____. *No Urubuquaquá, no Pinhém*. (Corpo de Baile) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. p. 79-136.

ROSENBAUM, Yudith. “A palavra como enigma” In: *ALETRIA: revista de estudos de literatura*. Belo Horizonte, v.6, n.13, p.84 – 93, jan.-jun. 2006

WISNIK, José Miguel. “O Famigerado” In: *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.5, n. 10, p. 177-198, 1º sem. 2002.

Recebido em 24 de novembro de 2007

Aceito em 26 de fevereiro de 2008